

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ
LES 0237/2019 – SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA

INTEGRANTES: Alana Carleto, Eduardo Festa Pompeu, Felipe Spessotto, Gabriel Spessotto, Gustavo Henrique Marasca

DESIGUALDADE DE GÊNERO

O tema deste trabalho tem como ponto de partida o olhar de Norbert Elias. Na visão do autor, a formação de um indivíduo se associa às referências sociais de seu espaço e tempo. Desta maneira, aqui convém logo destacar que as relações de gênero mudam com o decorrer do tempo.

Efetivamente, Elias insiste, por exemplo, que nas sociedades de cortes absolutistas dos séculos XII e XIII o poder social da esposa é praticamente igual ao do marido. Porém, nas sociedades burguesas desde o século XIX, o poder social do marido se torna muito maior que aquele da esposa.

Neste quadro, ao longo do século XX, os movimentos feministas reivindicam outra distribuição de poder, mais equilibrada, de forma a assegurar direitos para as mulheres. Antes de discutir estas questões, convém apresentar definições de termos importantes para a temática. De acordo com o Dicionário Significados (2019), a desigualdade de gênero é um fenômeno social, muito estudado pelas ciências humanas, que é caracterizado quando acontece discriminação ou preconceito com algum indivíduo por conta de seu gênero (feminino ou masculino). O feminismo (do latim *femina*, significa “mulher”), pode ser conceituado como um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

De acordo com Bezerra (s.d.), a história do feminismo é mais recente do que parece. De forma geral, no século XIX, as mulheres eram tratadas com inferioridade, não possuindo os mesmos direitos que os homens (tais como estudar ou votar). Neste cenário, a figura feminina é tida como submissa em uma sociedade patriarcal, na qual as atividades exercidas pela mulher estavam restritas aos afazeres domésticos e à educação dos filhos. Ou seja, as mulheres não podiam trabalhar fora do lar e menos ainda participar de política.

Um marco feminista do mundo é a ação da francesa Olympe de Gouges (1748-1793) que escreveu, em resposta à “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” (1789), a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” em 1791. Neste documento, lança uma crítica contra este documento da Revolução Francesa por ser restrita aos direitos dos homens. Em razão de suas ideias, Olympe de Gouges foi guilhotinada, mas influenciou diversos movimentos feministas posteriores.

A Revolução Industrial ocorrida no século XIX leva cada vez mais mulheres ao trabalho nas fábricas. Deste modo, os movimentos feministas de trabalhadoras ao redor do mundo passam a ganhar força, com muitas lutas de reivindicação de direitos (educação, voto, contrato de trabalho, propriedade, divórcio, igualdade de salários).

Ainda segundo Bezerra (s.d.), foi a partir da metade do século XX que estes movimentos feministas alcançaram maior visibilidade, nos países ocidentais. Hoje em dia, as ações políticas e a voz da mulher ganharam muito mais espaço, mas muitos problemas persistem.

Vale ressaltar aqui que a filósofa francesa existencialista Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma das maiores teóricas e representantes do feminismo mundial e influenciou profundamente o movimento feminista. Uma das suas frases mais famosas é “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

A título de curiosidade, a celebração do Dia Internacional da Mulher no dia 8 de março ocorre desde que o Partido Socialista da América organizou um Dia da Mulher, em 20 de fevereiro de 1909, em Nova York, a fim de realizar uma manifestação pela igualdade de direitos civis e em favor do voto feminino.

No que se refere ao Brasil, a situação não é das melhores em termos de igualdade de gênero. Observa-se que, em 2018, o país caiu cinco posições no ranking de Igualdade Global de Gênero, ranking este que é liderado pela Islândia. O Brasil se posiciona no 95º lugar. Nesse quadro, as formas de violência contra as mulheres são dramáticas no Brasil. O Atlas da Violência 2017 revela que 4,6 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, uma média 12 feminicídios por dia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o nível de escolaridade da mulher é maior que aquele do homem. Por outro lado, embora as mulheres representem 51,5% da população brasileira, elas somam apenas 43,8% da força de trabalho. Dessa forma, ao correlacionarmos os dois dados supracitados podemos observar que:

Muitas mulheres escolhem carreiras em que podem conciliar trabalho com as tarefas de casa, mãe, esposa, cuidadora. Outras abrem mão da carreira ou dão prioridade para a ascensão do marido, por ele ganhar mais. Há vários aspectos que restringem essa ascensão, inclusive o machismo, pois alguns homens ainda não aceitam a ideia de serem comandados por uma mulher (SOARES, C. 2017 apud SASAKI, F. 2017).

De fato, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2015 assinala que as mulheres recebem, em média, 23,9% a menos que os homens. Por outro lado, as tarefas domésticas, segundo dados do IBGE, são desigualmente repartidas: enquanto os homens dedicam 10,5 horas semanais aos cuidados domésticos, as mulheres consagram 18,1 horas a essas atividades.

Em razão da ideologia patriarcal, a uma crença difusa de que o potencial intelectual das mulheres seja inferior ao do homem, o que contribui para impedir a adoção de políticas para correção da desigualdade de gênero. Um ponto onde a desigualdade é nítida se refere aos cargos de liderança. É importante assim romper com as barreiras que impedem a promoção de lideranças femininas.

Ademais, outra área na qual ocorre essa desigualdade é na própria universidade. Segundo chamada do jornal da USP para uma edição especial do Dia Internacional das Mulheres, “mulheres fazem ciência, mas estão longe do topo”. Para Marília Moschkovich (2019), mesmo em disciplinas com alta presença feminina, as pesquisadoras não têm vantagens para chegar ao topo da carreira.

Segundo Madalozzo (2019), a promoção da igualdade de gênero deve ser construída sobre novas bases. A autora conclui que o combate ao machismo é uma luta que não cabe exclusivamente às mulheres, mas é uma bandeira que deveria ser também abraçada por todos os homens.

Referências

SASAKI, Fabio. 10 fatos sobre a desigualdade de gênero no Brasil. Guia do Estudante, São Paulo, 08 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/10-fatos-sobre-a-desigualdade-de-genero-no-brasil/>>. Acesso em: 14 de set. 2019.

MADALOZZO, Regina. Disponível em: “A liderança das empresas precisa estar comprometida com a equidade de gênero”. Acesso em 14 de set. 2019.

MOSCHKOVICH, Marília (2015). As chances das mulheres na universidade. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2015/12/15/as-chances-das-mulheres-na-universidade/>. Acesso em 14 de set. 2019.

BEZERRA, J. Feminismo. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/feminismo/>>. Acesso em: 17 set. 2019.

Dicionário Significados. Significado de Desigualdade de Gênero. 2019. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/desigualdade-de-genero/>>. Acesso em: 16 set. 2019.